

A FRONTEIRA DA INTERPRETAÇÃO

ANDRÉ MEDINA CARONE

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos

Resumo

Este ensaio é um comentário sobre as primeiras páginas do capítulo final “A psicologia dos processos do sonho” de *A interpretação dos sonhos* que busca revelar os dilemas enfrentados por Freud no momento em que ele encerra sua teoria da interpretação e inicia a apresentação de sua primeira tópica do aparelho psíquico.

Palavras-chave: Psicanálise; linguagem; estilo.

Abstract

This essay is a commentary on the opening pages of “The Psychology of the Dream-processes”, final chapter of Freud’s Interpretation of Dreams, which strives to bring to light the obstacles faced by the author as he concludes his theory of interpretation and begins to introduce the first topic of the psychic apparatus.

Keywords

Psychoanalysis; language; style.

I

Lemos na abertura do capítulo final de *A interpretação dos sonhos*, que traz o título “A psicologia dos processos do sonho”:

Entre os sonhos que me foram relatados por outras pessoas há um que reivindica neste momento uma atenção especial de nossa parte. Foi contado por uma paciente que o conheceu em uma conferência sobre os sonhos; ainda desconheço sua fonte verdadeira. Mas seu conteúdo impressionou esta senhora, pois ela não deixou de “ressonhá-lo”, isto é, de repetir elementos do sonho em um sonho próprio, para manifestar através dessa transposição uma coincidência em um ponto determinado.

Os antecedentes desse sonho exemplar são os seguintes: um pai permaneceu dias e noites ao lado da cama do filho doente. Depois da morte da criança, vai a um quarto vizinho para descansar, mas deixa aberta a porta para observar dali o quarto onde está estendido o corpo, cercado por grandes velas. Um homem idoso foi chamado para a vigília e senta-se ao lado do cadáver, murmurando preces. Depois de algumas horas de sono o pai sonha que *a criança está ao lado da cama, toma-o pelo braço e sussurra indignada: “Pai, você não vê que eu estou queimando?”* Ele acorda, nota um clarão de luz vindo do quarto onde está o cadáver, corre até lá, encontra o vigia em sono profundo, a roupa e um braço do corpo querido queimados por uma vela que caíra em chamas sobre ele.

A explicação deste sonho tocante é bastante simples e, pelo que conta minha paciente, também foi dada corretamente pelo conferencista. O clarão de luz chegou pela porta aberta aos olhos do pai adormecido e incitou nele o mesmo raciocínio que teria acordado: a queda de uma vela iniciou um incêndio ao lado do cadáver. Talvez o próprio pai tivesse carregado para o sono a preocupação de que o vigia idoso não viesse a executar seu serviço.

Também não temos nada a alterar nesta interpretação; acrescentaríamos somente a exigência de que o conteúdo do sonho deva ser sobredeterminado e a fala da criança composta a partir de falas de sua vida real, ligadas a acontecimentos importantes para o pai. Quem sabe a queixa: *estou queimando*, ligada à febre com a qual a criança morreu, e as palavras *pai, você não vê?*, a uma outra circunstância desconhecida por nós, porém fortemente afetiva.

Depois de reconhecer o sonho como um acontecimento pleno de sentido, que pode ser colocado no contexto do suceder psíquico, pode nos surpreender que um sonho apareça em circunstâncias que exigiam o despertar imediato. Notaremos então que também neste sonho não falta uma realização de desejo. No sonho a criança morta age como se fosse viva, adverte o pai, vai até sua cama e puxa-o pelo braço, como fez provavelmente na recordação da qual o sonho retirou a primeira parte da fala da criança. Em nome da realização deste desejo, o pai prolongou seu sono por um instante. O sonho prevaleceu sobre a reflexão da vigília porque podia mostrar a criança novamente viva. Se o pai acordasse e logo tirasse a conclusão que o levou ao quarto do cadáver, ele teria como que encurtado a vida da criança por um instante.

Não deve restar dúvida alguma quanto à particularidade que prende nosso interesse por este breve sonho. Até o momento interessava-nos, sobretudo em que consiste o significado oculto do sonho, por qual caminho ele é encontrado e de quais meios o trabalho do sonho se serviu para escondê-lo. As tarefas da interpretação do sonho ocupavam até agora o centro de nosso campo de visão. E deparamo-nos então com este sonho que não impõe tarefa alguma à interpretação, cujo sentido é concedido sem disfarce, e reparamos que mesmo ele preserva as características essenciais que evidentemente separam um sonho de nosso pensamento de vigília e mobilizam nosso anseio por explicações. Depois de superar tudo que concerne ao trabalho de interpretação, podemos notar por fim como nossa psicologia do sonho permanecia incompleta.

Mas antes de entrarmos por este novo caminho com nossas idéias, será melhor parar e observar se não nos escapou nada importante até este ponto de nossa incursão. Pois devemos saber com clareza que o trecho fácil e amistoso de nosso caminho ficou para trás. Até aqui todos os caminhos que percorremos conduziram, se não estou muito enganado, à luz, ao esclarecimento e ao entendimento completo; a partir do momento em que queremos penetrar mais a fundo nos processos anímicos do sonho, todas as trilhas irão terminar no escuro. Não podemos *esclarecer* o sonho como processo psíquico, pois explicar significa remeter ao conhecido, e neste momento não existe um conhecimento psicológico ao qual pudéssemos subordinar aquilo que se pode inferir do exame psicológico do sonho como base de esclarecimento. Seremos obrigados, em oposição, a postular uma nova série de suposições que tangenciam, por meio de conjecturas, a estrutura do aparato anímico e o jogo das forças que atuam nele, tomando cuidado para não divagar muito além das primeiras concatenações lógicas, pois de outro modo seu valor se dissipa no indeterminável. E ainda que não cometamos nenhum equívoco em nossas inferências e consideremos todas as possibilidades lógicas resultantes, a apreciação, provavelmente incompleta dos elementos, ameaça-nos com o erro completo de cálculo. A mais cuidadosa investigação do sonho ou de alguma produção *isolada* não garante uma explicação da construção e do modo de trabalho do instrumento anímico, ou ao menos não permite fundamentá-la; ao contrário, para este objetivo será preciso reunir tudo aquilo que se provar constante a partir do estudo comparativo de toda uma série de produções psíquicas. Assim, as suposições psicológicas que extraímos da análise dos processos oníricos deverão, por assim dizer, aguardar em seu posto, até formar uma aliança com os resultados de outras investigações que partam de um outro ponto de ataque em direção ao núcleo do mesmo problema.⁷ (grifos nossos)

Esse trecho de abertura, situado em um momento decisivo, limita-se a apresentar a nova tarefa teórica do livro. Sabemos que ela implica riscos e depende do resultado de outras

⁷ Sigmund Freud, *Die Traumdeutung, Gesammelte Werke*, Band II/III, Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 1999, p. 513-16 (São minhas as traduções de todos os textos citados neste ensaio).

investigações e da comparação de uma série de estudos psicológicos. O valor da passagem se deve mais à sua posição do que ao conteúdo. Por limitar-se à antecipação das dificuldades, Freud pode nomeá-las e tomar uma certa distância, lançando a incerteza e a obscuridade para o território que sua descrição está prestes a ocupar. Ele nos oferece assim uma perspectiva privilegiada para o entendimento do capítulo final e do lugar que ocupa no estudo do sonho.

A nitidez do “sonho da criança em chamas” parece encobrir alguma coisa que resiste à compreensão. A história de sua transmissão, nebulosa e cheia de incertezas, amortece o impacto do episódio ominoso que é contado: por colocar-nos longe do acontecido, a distância nos faz suportar a intensidade de suas imagens. Ali tudo se explica, e ao mesmo tempo nada se esclarece: em vez de libertar-nos da ignorância, o mistério decifrado nos devolve ao desconhecimento do início. Os leitores que acompanhavam o livro desde o começo certamente ficarão surpreendidos pela explicação direta, que modificará o caminho percorrido até aquele ponto. Mesmo assim podemos traçar sem muita dificuldade o percurso dessa abertura do capítulo final de *A interpretação dos sonhos*. Ela nos conta o sonho de um pai que, após acompanhar a doença do filho que acaba de falecer, dorme no quarto ao lado do aposento em que está o corpo cercado por velas. Um homem idoso vigia o cadáver. Durante a noite, ele sonha que *a criança está ao lado da cama, agarra seu braço e diz: “Pai, você não vê que eu estou queimando?”*. Ele desperta e vai ao aposento, onde encontra as roupas e o braço da criança queimados pelo fogo de uma vela que havia caído. A explicação do sonho é simples. A luz intensa da vela alcançou o quarto do pai, que manifesta em seu sonho o mesmo raciocínio que teria feito acordado: o corpo da criança pegou fogo por conta de uma vela que caiu sobre ele. O sonho traz a criança de volta ao mundo por um instante e realiza o desejo do pai de forma direta, sem deformações. Mas a transparência do sentido traz um problema novo: até esse momento o livro se ocupava em trazer à tona o sentido oculto dos sonhos, desenterrar seu conteúdo latente, determinar os mecanismos de sua deformação – em resumo, interpretá-los. Que valor tem o método de interpretação diante de um sonho tão evidente? A tarefa analítica do livro encontrou seu limite. A partir dos resultados atingidos será preciso formular hipóteses sobre a constituição do aparelho psíquico que produz o sonho, tarefa reservada para esse último capítulo.

Esse resumo preserva somente a intenção imediata do texto, que não deixa dúvidas quanto à idéia a ser transmitida; a tradução apresentada procura resguardar o estilo e as construções sintáticas do original. O sonho da criança em chamas ainda irá ressurgir em outras passagens do capítulo, como um elemento auxiliar da exposição, envolvido por novas reflexões que ocupam o centro da investigação teórica. Mas cada uma das reaparições do sonho acaba por nos remeter aos enigmas desse trecho inicial. Por enquanto iremos nos contentar com o começo, com o momento em que o sonho nos aparece por inteiro, e tentaremos deixar de lado as extensões criadas pela pequena história. As frases finais do último parágrafo anunciam o que está por vir, e com elas passamos adiante, interessados em descobrir o que efetivamente há para se dizer a respeito da psicologia dos sonhos. Ainda não entramos realmente no assunto, a verdadeira exposição está por começar. Desejo apontar o valor do trecho para a compreensão do capítulo. A maneira como Freud atrai nossa atenção é exemplar e merece ser estudada, ao menos para esclarecer o fascínio que exerce sobre nós.

Não há como negar que esse sonho irá cumprir o papel de um modelo ao qual as novas investigações teóricas poderão remeter-se no futuro. Nessa altura precisa do livro, ele interessa a Freud justamente por ser capaz de dizer tão pouco: ali não há nada (ou quase nada) para se interpretar, o que nos permite encontrar, mais claramente do que em qualquer outro sonho, traços elementares da vida onírica que permaneciam encobertos nos outros seis capítulos. Somente um exemplo tão nítido e livre de contradições nos faria enxergar, para além de todas as deformações e transformações de sentido operadas pelo trabalho do sonho, que todos os sonhos apresentam um pensamento como se fosse uma cena do presente; e ainda, que durante o sono esse pensamento foi transposto em quadros visuais e falas; e ainda, que

esse pensamento corresponde em todos os casos a um *desejo*. Temos aqui duas teses que Freud apresenta, ao iniciar a segunda seção do capítulo algumas páginas adiante, quando volta a mencionar esse sonho-modelo. As dificuldades que realmente interessam devem ser buscadas nessa descrição do aparelho psíquico, e para chegar até ela será preciso avançar pelo sétimo capítulo. Começaremos pelos impasses apresentados pelo sonho para ver até onde ele nos permite chegar. Mas não poderemos negar que essa abertura possui um valor didático e interessa mais pelo acesso que nos oferece a novos conhecimentos do que pelo conhecimento que encerra dentro de seus limites.

Adotarei aqui uma perspectiva inversa, que não ficará restrita à intenção didática, mas nem por isso pretendo desmentir o valor transitório e secundário do trecho para a argumentação de Freud. Não vejo nessa inversão um conflito entre duas posições, pois as perspectivas são complementares. Seria interessante recordar aqui uma das lições trazidas pelas interpretações de sonhos: por trás do elemento indiferente, aparentemente inócuo e sem maior valor, pode encontrar-se a chave para a compreensão do conjunto. Para que isso aconteça, basta suspender provisoriamente a distinção prévia entre os elementos que têm ou não têm importância.

II

Voltemos então ao texto. Podemos notar que a análise do sonho ilustra um novo problema e prepara o terreno para uma nova investigação cujos resultados serão incertos. Podemos dividi-lo em dois momentos: o comentário do sonho e o esboço da teoria que será elaborada. Em cinco parágrafos estão as circunstâncias em que ocorreu o sonho, o relato e a interpretação de seu conteúdo. Habitado a dirigir o olhar do leitor, Freud antecipa a dificuldade para não perder sua simpatia: no trecho final, ele chama a atenção para um impasse e, com uma virada repentina, anuncia uma nova investigação no último parágrafo. Os impasses de um sonho específico e muito peculiar antecipam os impasses para a explicação dos processos psíquicos que produzem o sonho – enfim, das condições que tornam possível o sonhar.

Podemos começar a análise do trecho por uma pergunta bastante simples: de onde vem o sonho da criança em chamas? A resposta surge logo na segunda frase:

Foi contado por uma paciente *que o conheceu em uma conferência sobre os sonhos*; ainda desconheço sua fonte verdadeira. Mas seu conteúdo impressionou esta senhora, pois ela não deixou de “*ressonhá-lo*”, isto é, de *repetir elementos do sonho em um sonho próprio*. (grifos nossos)

A idéia que se apresenta para nós é a de uma cadeia de transmissão, ou então de uma série de inscrições sucessivas que modificam e reorganizam um certo conteúdo. Só podemos estabelecer o que aconteceu de fato quando recusamos as dificuldades a serem vencidas para se descobrir como o sonho realmente teria sido. O relato não é confiável, não podemos nem sequer medir a distância que nos separa da versão original. Por ordem de proximidade, temos o novo sonho da paciente que retoma o primeiro sonho, a recordação dessa mesma paciente, e por fim, o relato do conferencista, mas nada garante que ele de fato conheça sua origem. O ponto de partida será uma história incerta, de fonte desconhecida. Antes que chegasse até Freud, o sonho inspirou um outro sonho e foi ainda relatado ao menos por duas pessoas. Contamos com a versão de um autor que ignora a origem do sonho e organiza em um relato os diversos registros dos elementos. É bem verdade que nos aproximamos desse sonho logo nas primeiras frases, no momento em que somos informados sobre a distância que nos separa dele. Mas ao conhecê-lo, já não podemos mais encará-lo apenas como um sonho, pois sua história se mistura à cadeia de ouvintes que continua a transmiti-la, e da qual agora também participamos: assim como a paciente de Freud passou adiante esse sonho, contado em meio às

aflições de sua experiência e ao sonho em que ela reaproveita seus elementos, os leitores recebem de Freud essa mesma história, narrada dentro de seu livro e ligada às preocupações e interesses que dominavam o autor no momento em que escreveu. Não é possível fixar o *texto* do conteúdo manifesto desse sonho: sabemos apenas quais são suas imagens e as circunstâncias em que ele teria acontecido, nada mais; para além dessas informações, contamos apenas com as suposições que Freud levanta a seu respeito.

É necessário seguir adiante no trabalho com o texto e caminhar de certa maneira contra o significado aparente que ele estabelece. Freud irá reafirmar que a explicação do sonho não traz dificuldades, e seu comentário articula uma simetria direta entre sonho e realidade que pode ser notada nas transições que conduzem da *febre* da criança à sua fala no sonho – *estou queimando*; do senhor idoso que *murmura preces* à criança que *sussurra indignada*; do corpo cercado por *grandes velas* à criança *em chamas* ao lado da cama. Como vimos há pouco, transformações tão pequenas abrem o caminho para se enxergar o que está para além delas, e nisso consiste o valor didático do trecho; mas a apresentação da história está marcada por várias suposições, e a explicação que parece tão evidente surge em uma descrição pontuada por advérbios, locuções ou conjunções que destacam a incerteza: “*Se o pai acordasse teria como que* abreviado a vida da criança”; “*talvez o pai temesse* que o vigia não *pudesse* cumprir sua tarefa”; “a criança age como *se fosse* viva, puxa-o pelo braço, como fez *provavelmente* na recordação”; “*quem sabe* a queixa: estou queimando...”.

Ao menos por enquanto, será melhor não exagerar a importância dessas restrições. Sabemos perfeitamente que não existem garantias quanto à lembrança que temos de nossos sonhos. Somos obrigados, em todas as circunstâncias, a reconhecer dúvidas ou incertezas e também a recriar, depois de acordados, uma certa *imagem* do sonho que não coincide com a experiência direta que tivemos. Coloca-se aqui uma diferença de grau, pois Freud lida *exclusivamente* com suposições – e também, como veremos adiante, uma diferença de *posição*, pois não está em questão o esquecimento de Freud ou de algum paciente seu. Importa-nos o resultado final desse procedimento para o texto: a presença desses complementos e expressões cria uma combinação insólita entre certeza e incerteza que percorre o texto do princípio ao fim. Somos conduzidos de uma primeira hipótese a uma outra, e nenhuma pode esclarecer o sonho que só conhecemos a distância. Ao final do comentário, chegamos ao limite de nosso conhecimento a respeito do sonho, e não ao limite da interpretação, como acontece nas diversas passagens em que Freud suspende uma interpretação porque o material associativo não lhe permite ir mais longe. Somos obrigados a admitir que esse sonho breve se afasta daqueles que haviam sido interpretados até esse momento, e que aparece como a forma invertida de todos estes outros sonhos. Até o final do sexto capítulo, os relatos podiam parecer incompletos ou desconexos, mas escondiam pensamentos latentes ou conexões que quase sempre nos permite compor seu sentido. No caso do sonho da criança em chamas será preciso compor, a partir de uma série de relatos diferentes, o conteúdo de um sonho cujo sentido é evidente, e o *sonho passa a existir após ter sido construído pela descrição*. O trabalho de interpretação foi substituído aqui pelo trabalho de descrição do sonho, numa estranha inversão de procedimento.

Como poderíamos explicar isso? O empenho de Freud para registrar os sonhos e fazê-los valer como acontecimentos dotados de sentido é inegável, seja pela insistência com que garante aos pacientes que mesmo as lembranças mais apagadas ou confusas podem ser recuperadas seja por sua disposição para aceitar o relato do sonho na forma em que ele aparece, em vez de querer determinar como *deve ser* o sonho para que aconteça a interpretação: curto ou extenso, consistente ou contraditório, o relato vale por aquilo que diz e não precisa cumprir requisitos para ser reconhecido como um ato psíquico. Quando decide comentar esse “sonho da criança em chamas”, Freud continua a aceitar o sonho tal como ele pôde ser contado, sem condená-lo por sua aparência ou por supostas limitações. Mas nesse caso específico há uma dificuldade que não podemos omitir: a deformação do conteúdo e os

impedimentos para a recordação completa não podem ser atribuídos a uma só pessoa. Toda a série de deformações é o resultado de sua passagem por ouvidos diferentes. Trata-se de uma história contada e recontada por vários portadores, que a modificam antes de transmiti-la para um outro. Voltemos outra vez ao primeiro parágrafo: veremos que o relato do sonho chega ao texto – pelo menos no que diz respeito à sua apresentação – mais como uma piada (*Witz*), uma história sem dono que precisa tornar visível o seu significado para causar efeito, do que propriamente como um sonho, uma história íntima que só alcança a consciência quando consegue encobrir o seu significado verdadeiro. A explicação “evidente” do sonho prescindiu inteiramente de informações sobre o pai que o sonhou, cujas intenções podem apenas ser presumidas, mas não comprovadas. Para constatar esse choque, basta retomar os termos exatos de sua descrição: “*Talvez* [ele] tivesse carregado para o sono a preocupação de que o vigia idoso não viesse a executar seu serviço”, ou “*quem sabe*” as falas da criança no sonho estivessem “ligadas a acontecimentos importantes para o pai”. No restante, toda a explicação desse sonho particular é inteiramente impessoal e não se aproxima da experiência concreta do sonhador.

Não deixa de ser curioso que o vocabulário teórico do livro que Freud escreveu poucos anos depois sobre o humor – *A piada e suas relações com o inconsciente*⁸ – tenha recuperado boa parte de sua teoria sobre o sonho, ampliando o seu alcance a partir da investigação de um outro material e parodiando abertamente o seu vocabulário, por meio da invenção de termos como o “trabalho da piada” (*Witzarbeit*) ou a “piada por deslocamento” (*Verschiebungswitz*). De resto, seu livro sobre o humor deixa explícita a diferença entre o caráter privado do sonho, que não busca ser compreendido, e o caráter público da piada, que efetua pequenos desvios dentro da linguagem para se fazer compreender. Talvez nos seja permitido identificar nessa inversão de procedimento, que consiste em investigar o sonho como uma história de acesso público, uma primeira antecipação do programa anunciado nas frases finais da passagem que investigamos: a explicação do funcionamento do aparelho psíquico depende de um estudo comparativo de vários fenômenos psicológicos, razão que torna insuficiente o estudo isolado do sonho. Essa mesma idéia também irá reaparecer, a exemplo do sonho da criança em chamas, em várias passagens desse capítulo final. O livro sobre a piada integra esse trabalho de ampliação, ao lado da *Psicopatologia da vida cotidiana*,⁹ e do próprio livro sobre os sonhos. A suposição não parece arbitrária, uma vez que as aproximações entre o sonho e a piada surgem na própria *Interpretação dos sonhos* e até nas cartas enviadas a Fliess durante a redação do livro. Mas esse não é um traço decisivo para as tarefas que propusemos. Por enquanto, será o bastante constatar que Freud discretamente se afasta da tarefa de interpretar, mesmo que tenha iniciado esse capítulo geral pela interpretação de um sonho cuja forma é muito peculiar.

III

Dividimos o trecho em duas partes, o comentário do sonho e o esboço da teoria, mas ainda não tratamos desta última. Antes de estabelecer algumas relações entre esses dois momentos, é necessário advertir que os pontos de contato não são inteiramente visíveis. A continuidade entre a primeira e a segunda partes está sustentada por um trabalho de figuração, que permite a circulação de certos elementos por contextos diferentes. Começaremos a ilustrar esse processo a partir da reaparição da *incerteza*; no final do texto, reencontramos o mesmo contraste entre evidência e incerteza da abertura. O último parágrafo não faz referências ao sonho que foi narrado, mas efetua uma nova transição: a incerteza que havia sido figurada por

⁸ S. Freud, *Der Witz und seine Beziehungen zum Unbewussten, Gesammelte Werke*, Band VI, Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 1999.

⁹ S. Freud, *Zur Psychologie des Alltagslebens, Gesammelte Werke*, Band IV, Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 1999.

complementos no comentário do sonho é deslocada para os substantivos: “uma nova *série de suposições* que tangenciam, por meio de *conjecturas...*”; “seu valor se dissipa no *indeterminável*”; “e mesmo que não cometamos nenhum erro em nossas *inferências*”; “a apreciação incompleta ameaça-nos com o *erro completo de cálculo*”.

O leitor não acompanha mais o trabalho obscuro da narração de um sonho sem origem, mas continua a caminhar entre hipóteses, impedido de nomear algo que só aparece diante de seus olhos sob a forma oblíqua das *suposições*, *conjecturas* ou *incertezas*. Seria plenamente razoável acolher aqui o argumento de que o trabalho da ciência não costuma superar os limites do provável. No entanto, Freud não fala simplesmente de um conhecimento provável ou incerto, e sim de possibilidades que nos remetem indefinidamente a outras possibilidades, de “*séries de suposições que tangenciam, por meio de conjecturas, a estrutura do aparato anímico e o jogo de forças que atuam nele*”. O esforço de fundamentação prestes a iniciar irá permanecer incompleto, “pois de outro modo seu valor se dissipa no *indeterminável*”. Todo esse raciocínio que avança numa espiral infinita, sem nunca tocar o ponto de origem, já estava presente no sonho das linhas iniciais, sob a forma de uma história de origem indeterminada. O trabalho continua a ser realizado a partir de suposições, mas o contexto se altera: antes elas recaíam sobre o material do sonho e as circunstâncias em que ocorreu, e agora terão como alvo a própria teoria do sonho que ainda está por ser construída.

Se a abordagem indireta e a figuração da incerteza nos mostram a continuidade na passagem da primeira para a segunda partes, os tempos verbais empregados nesse trecho final revelam a mudança de perspectiva. O ponto de partida do comentário do sonho é, como vimos, um fato passado de origem indeterminada. Para tentar explicá-lo, a descrição recua do tempo presente para o passado (pretérito imperfeito do subjuntivo e pretérito perfeito do indicativo), como logo notamos nas duas primeiras frases do capítulo. Em contraponto, o parágrafo final antecipa uma nova tarefa, avançando do presente para o futuro em busca do fundamento. Todo ele se orienta para um desconhecido prestes a surgir, que o texto antecipa na medida em que avança em sua direção: “todas as trilhas *irão* terminar no escuro”; “para este objetivo *será* preciso reunir tudo aquilo que se provar constante”; “as suposições psicológicas que extraímos da análise *deverão* aguardar em seu posto”.

O conjunto das informações reunidas até aqui nos ajuda a compreender o processo de composição do texto, mas ainda será necessário determinar seu valor real, pois a riqueza da composição não é subordinada a uma intenção literária: ela está a serviço de um trabalho de explicação que é exposto diante dos olhos do leitor. Mesmo assim, espero ter indicado que nos aproximamos do sentido do texto ao investigar de que maneira suas peças se articulam. Numa palavra, o estilo não pode ser indiferente à idéia que o autor deseja transmitir. E nessas páginas é precisamente o estilo que separa o comentário do sonho, do esboço da teoria. A história da criança em chamas atinge em cheio o leitor: o sonho é relatado no presente do indicativo, a exemplo de todos os outros sonhos do livro. As ligações causais são omitidas, as informações sobrepostas sem preparação alguma (“ele *acorda, nota* um clarão de luz, *corre* até lá; “a criança morta *age* como se fosse viva, *adverte* o pai, *vai* até sua cama”). Os complementos (“quem sabe”, “provavelmente”) ressaltam a dúvida e conduzem a novas indagações. Mas o esboço de teoria troca a ausência de subordinação – designada como *parataxe* ou *coordenação assindética* pelos livros de gramática – por períodos compostos e orações subordinadas construídas com verbos auxiliares que não aparecem no comentário do sonho: “queremos penetrar” (*eindringen wollen*), “permite fundamentar” (*begründen können*) ou “devemos saber com clareza” (*müssen uns klar darüber werden*). Em oposição ao predomínio da parataxe no início do texto, encontramos a seguir a *hipotaxe* ou a subordinação – oposição que aparentemente complementa uma outra, entre a descrição de um evento na primeira parte e a sistematização de uma idéia ao final do trecho.

Destacamos diferenças gramaticais e estilísticas que, embora estejam presentes nas formulações de Freud, não são evidentes e costumam a aparecer. Mas agora podemos abordar um

elemento mais visível, que pode ser notado logo em uma primeira leitura. A transição entre o claro e o escuro percorre todo o texto, surgindo em registros diferentes. No comentário do sonho há o *clarão de luz*, o *fogo da vela*, o sentido revelado *sem disfarce (unverhüllt)*, em contraponto ao *sono profundo* do vigia, ao *corpo estendido* do filho, ao cansaço do pai que passou *dias e noites* ao lado da criança doente. Mais adiante, o esboço de teoria remaneja esses elementos em uma metáfora do parágrafo final: “Até aqui todos os caminhos que cruzamos conduziram, se não estou muito enganado, à *luz*, ao *esclarecimento* e ao entendimento completo; a partir do momento em que queremos penetrar mais a fundo nos processos anímicos do sonho, todas as trilhas irão terminar no *escuro*”.¹⁰

De maneira sutil, Freud faz figuras descontínuas percorrerem uma só linha. Peças aparentemente secundárias e pouco relevantes para o argumento central criam a continuidade, em que há uma ruptura entre o modelo analítico da interpretação e o modelo metapsicológico do aparelho psíquico. Como se acompanhasse a paciente, que combina elementos do sonho em um sonho próprio, ele reinsere os termos de sua narrativa em sua exposição teórica, onde irá recriar a partir de uma nova situação as oposições entre claro e escuro, certeza e incerteza, conhecimento e desconhecimento. Se nos afastarmos um pouco da letra do texto, veremos a combinação de continuidade e ruptura logo na primeira frase: Freud arremessa as teses psicológicas do livro contra seu limite ao interpretar um sonho que expõe a fronteira da interpretação – precisamente um sonho que não demanda interpretação alguma. Ele retoma o relato e a busca pelo sentido, mas aborda uma matéria fria – a história de um pai que acorda para encontrar no mundo real o que estava por trás do sonho – como alguém que se prepara para entrar por um novo caminho. A transição do comentário do sonho para o esboço de teoria é feita pelas mãos de um mestre que expõe elementos semelhantes em dois cenários distintos, introduzindo os leitores em um território obscuro na certeza de que ainda se pode avançar.

A exemplo da oposição entre claro e escuro, o problema do conhecimento também ganha uma nova roupagem no parágrafo final. Sabemos que a fonte verdadeira desse sonho é *desconhecida (unbekannt)* por Freud; sua paciente o conheceu (*kennengelernt*) em uma conferência; as palavras pronunciadas pela criança no sonho do pai estão ligadas a uma outra circunstância *desconhecida (unbekannt)*. E o caminho para o conhecimento terá sido

¹⁰ Essa não é a única passagem em que a luz e a escuridão do caminho a percorrer ilustram o destino da investigação sobre os sonhos. Estamos diante da última aparição da metáfora do passeio, escolhida por Freud como elemento que organiza o percurso traçado pelo livro. “O conjunto foi planejado como um passeio imaginário”, ele escreve a Fliess meses antes de concluir a redação do livro. “Primeiro a mata escura dos autores (que não enxergam as árvores), sem perspectiva, repleta de falsos caminhos. Depois uma passagem oculta pela qual conduzo o leitor – meu sonho-modelo com suas idiossincrasias, detalhes, indiscrições e seu humor insólito – e de repente a altura, a perspectiva e o convite: e agora, para onde deseja ir?” (S. Freud, *Briefe an Wilhelm Fliess, 1888-1904*, Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 1985, p. 400 [carta de 6.8.1899]). Nas descrições do trajeto que nos conduziu até o sétimo capítulo a luz era o elemento privilegiado. As aberturas do terceiro e do quinto capítulos trazem a escuridão como um elemento superado, pertencente ao conhecimento passado e ao tateio confuso dos estudos científicos sobre o sonho. O terceiro capítulo inicia com a descrição de uma paisagem imaginária cuja nitidez provinha da interpretação bem-sucedida do sonho da injeção em Irma e que por pouco não chega a ser um negativo dessa entrada por uma trilha escura: “Depois de cruzar uma passagem estreita e alcançar subitamente um ponto elevado em que os caminhos se repartem e a paisagem mais rica se abre em diferentes direções, será permitido parar por um instante e pensar por onde se deve seguir. Algo parecido nos acontece após superar esta primeira interpretação de um sonho. Encontramo-nos na clara luz de uma descoberta repentina [...]. Mas uma torrente de perguntas nos abate no momento em que poderíamos nos contentar pela descoberta [...]. Proponho deixar de lado todas estas perguntas por enquanto e avançar por um único caminho” (*Idem, Gesammelte Werke, II/III, op. cit.*, p. 127). Os trajetos começam a ramificar-se na abertura do quinto capítulo, que surge como ponto intermediário entre a iluminação do início e a incerteza do final: “Quando inferimos a partir da análise do sonho da injeção em Irma que o sonho é a realização de um desejo [...] silenciemos todas as outras curiosidades científicas que pudessem nos inquietar durante a interpretação. Agora, tendo alcançado a meta pelo caminho percorrido, podemos regressar e escolher um novo ponto de partida para nossas divagações pelos problemas do sonho, mesmo se por um instante perdermos de vista o tema, ainda inesgotado, da realização de desejo” (*Idem, Gesammelte Werke, II/III, op. cit.*, p. 167).

bloqueado na parte final: “Não podemos esclarecer o sonho como processo psíquico, pois explicar significa remeter ao conhecido (*Bekanntes*), e neste momento não existe um conhecimento (*Erkenntnis*) psicológico ao qual pudéssemos subordinar aquilo que se pode inferir do exame psicológico do sonho como base de esclarecimento”.

IV

Toda essa série de observações provou ser possível remeter as idéias e formas da primeira para a segunda partes, e também o inverso. Elementos como a incerteza ou a oposição claro/escuro permanecem constantes mas recebem tratamentos diferentes: na interpretação do sonho o conjunto se organiza a partir do *relato*, da *parataxe* e do *tempo pretérito*, enquanto no esboço teórico os mesmos elementos serão moldados a partir dos *conceitos*, da *hipotaxe* e do *tempo futuro*. As correspondências que trouxemos à tona ainda não servem como prova da importância do trecho: pelo contrário, sua construção simétrica parece indicar que ele está fechado sobre si mesmo e se aparta do restante do capítulo. Retornamos assim à suposição levantada quando iniciávamos o nosso comentário: é provável que Freud pretendesse despertar a curiosidade dos leitores para uma investigação árida, que talvez não lhes interessasse. Ele mesmo parece confirmar o valor secundário dessa abertura (e da primeira seção) quando abre a segunda seção do capítulo: “Mas agora que já nos guardamos contra as objeções, ou pelo menos apontamos onde repousam nossas armas de defesa, não podemos mais adiar a entrada nas investigações psicológicas para as quais nos preparamos há muito tempo”.¹¹ Se essa frase marca o início do combate, os desenvolvimentos anteriores eram apenas exercícios de preparação. Apesar disso, a forma insular do trecho pode ser tomada como um esforço para compreender em um único golpe o movimento dessa nova investigação que *parte* do sonho, mas já não fala apenas *sobre* o sonho. Não iremos negar que, quanto ao conteúdo, tudo ainda resta por fazer: a leitura desse trecho nos informa que a nova teoria psicológica será obscura, e talvez pouco ou nada além disso. Ao mesmo tempo, nada resta por fazer no tocante à forma da exposição: a condução sinuosa da linguagem em meio a pontos escuros, a paciência e a coragem do autor que, privado dos meios para *esclarecer*, sabe aceitar a escuridão que habita a palavra – a consciência plena do perigo, sem a qual essas páginas não teriam sido escritas, permanece no livro até o último momento.

Seguindo adiante pelo capítulo, continuaremos a assistir à apresentação indireta de um objeto que não se dá a conhecer, mas pode ser figurado por suposições, metáforas, construções teóricas inacabadas e até por análises de sonhos, em meio a mudanças de perspectiva que apenas renovam as transformações sutis que o “sonho da criança em chamas” pôs em ação. A imagem inquietante do sonho antecipa o quadro misterioso e quase desconhecido da nova teoria, que já está inscrita nessa primeira imagem. Podemos alterar provisoriamente os termos do nosso comentário e considerar todo esse trecho de abertura como uma única narrativa que nos conta a história de Freud diante dessa teoria psicológica dos sonhos: nos dois parágrafos finais nós o encontramos antes da teoria, no momento em que irá lançar-se ao trabalho, e ele nos mostra as dificuldades a serem vencidas. Retomando os termos da metáfora bélica, podemos dizer que a preparação simula o combate real, e com isso teremos unido essa abertura ao restante do livro: a partir de um ponto afastado, a história do “sonho da criança em chamas” figura dentro de uma forma narrativa todas as especulações desse sétimo capítulo: inscrições sucessivas de um elemento em diferentes registros, a realização do desejo, a função do sonho, o despertar, a realidade psíquica.

Antes de encerrar este meu comentário, quero retornar ao problema da origem, ou mais exatamente ao desconhecimento da origem, pois todo o trecho se equilibra entre um ponto de origem no passado e outro no futuro. Logo nas primeiras linhas, Freud afirma que

¹¹ *Idem, Gesammelte Werke, II/III, op. cit., p. 538.*

desconhece “a fonte verdadeira” do sonho. E na outra ponta do texto a frase final deixa claro que o problema da origem sobrevive em outro registro: não mais como origem do fato, mas como origem da explicação, na referência a “outras investigações que partam em direção ao *núcleo* do mesmo problema”. As correspondências dentro do texto alcançam até mesmo o que não se pode dizer – o desconhecido do passado na abertura e no encerramento o desconhecido do futuro; no caminho entre claro e escuro, um abismo ilumina o outro.